



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/09/2024 e 26/09/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
20/09/2024	10,12	317,40	42,16	5,68	4,01
23/09/2024	10,39	326,50	42,62	5,82	4,13
24/09/2024	10,42	323,60	43,95	5,78	4,11
25/09/2024	10,53	326,10	44,38	5,89	4,15
26/09/2024	10,41	324,20	42,92	5,84	4,13
Média	10,37	323,56	43,21	5,80	4,11

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	122,00	
RS – Não Me Toque	122,00	
RS – Londrina	126,00	
PR – M.C.Rondon	126,00	
MT – C.N.Parecis	119,00	
MS – Maracaju	134,00	
GO - Rio Verde	123,00	
BA – L.E.Magalhães	120,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,50	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	58,00	
SC – Rio do Sul	60,00	
PR – M.C.Rondon	53,00	
PR – Londrina	52,00	
MT – C.N.Parecis	42,00	
MS – Maracaju	54,00	
SP – Itapetininga	62,00	
SP – Campinas	65,00	CIF
GO – Rio Verde	51,00	
GO – Jataí	51,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	80,00	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 25/09/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 26/09/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	59,90	122,52	69,27

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
26/09/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	115,00
Feijão (saco 60 Kg)	313,00
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,68
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,62**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,78

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, subiram novamente nesta semana, puxadas pelo forte avanço no preço do óleo de soja e, também, pelas dificuldades de plantio no Brasil devido às queimadas e o clima. Com isso, o primeiro mês cotado, após atingir a US\$ 10,53/bushel na véspera, fechou a quinta-feira (26) em US\$ 10,41, contra US\$ 10,13 uma semana antes. Já o óleo de soja avançou, entre os dias 16 e 25/09, 11,6% puxado pelo agravamento nas tensões militares no Oriente Médio, fato que mexe com as cotações do petróleo. O próprio farelo de soja acabou subindo, porém, em menor intensidade.

Pelo lado da produção da nova safra estadunidense, a situação é positiva, tanto que a colheita da mesma, até o dia 22/09, atingia a 13% da área, contra 8% na média histórica para a data. Ao mesmo tempo, das lavouras que faltavam colher, 64% estavam em condições entre boas a excelentes, superando de longe os 50% registrados na mesma época do ano passado. Em algum momento, o avanço mais acentuado desta colheita irá fazer pressão sobre o mercado, especialmente se o plantio no Centro-Oeste do Brasil se normalizar com o retorno das chuvas em outubro.

Já pelo lado da demanda, as importações de soja pela China, procedentes dos EUA, aumentaram 70% em agosto, sobre o mesmo mês do ano anterior. Isso ajuda a segurar as cotações em Chicago e até aumentá-las um pouco.

Os carregamentos dos EUA, segundo maior fornecedor da China, ganharam ritmo desde abril, embora o volume permaneça muito menor do que o importado do Brasil, maior produtor mundial da soja. Mesmo assim, o volume adquirido na América do Norte está muito aquém do registrado nas compras chinesas de soja brasileira. O total importado em agosto, pela China, foi de 12,1 milhões de toneladas, sendo 10,2 milhões procedentes do Brasil. Com isso, o excedente de soja existente na China cresceu bastante, já que o consumo naquele país está fraco. É provável que, passadas as eleições presidenciais nos EUA, em novembro, o ritmo de compras chinesas diminua, especialmente se a candidata democrata Kamala Harris ganhar, pois avastaria o temor de embargos comerciais contra o país asiático, já executados por Trump no passado.

Por enquanto, as importações de soja procedentes do Brasil, nos primeiros oito meses do corrente ano, somam 53,8 milhões de toneladas, com aumento de 217% sobre o mesmo período do ano anterior. Enquanto isso, a China comprou, no mesmo período, 12,8 milhões de toneladas dos EUA, com um recuo de 73% sobre igual momento do ano anterior.

Em outro front, tem-se que o Paraguai vem se destacando como maior fornecedor de soja para o Brasil, já que nosso país se obriga a aumentar as importações da oleaginosa, neste ano, devido a menor safra passada. Entre janeiro e agosto o vizinho país vendeu 781.000 toneladas ao Brasil, contra apenas 88.000 no mesmo período do ano anterior. Do total importado, 92% foram para indústrias do Paraná, 7% para indústrias do Rio Grande do Sul e 1% para Goiás. (cf. DasAgro) “A oferta paraguaia se destacou ainda mais já que a Argentina também não contava com grandes volumes para comercializar e também buscou garantir que a oleaginosa paraguaia fosse empregada em suas indústrias processadoras.” O problema que se apresenta neste contexto é a logística ruim, devido aos baixos níveis dos rios, especialmente no

Paraguai. Tanto é verdade que o rio Paraguai, no último dia 9 de setembro, marcou seu menor nível, chegando a 86 cm abaixo do nível "zero" da marcação no porto de Assunção, capital do país. O Instituto Nacional de Meteorologia e Hidrologia paraguaio confirmou que se trata do menor nível do rio em 120 anos, quebrando o último recorde, de outubro de 2021.

E na Argentina, novas projeções de safra dão conta de que a futura colheita de soja poderá chegar a 52 milhões de toneladas em 2024/25, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires. Para o milho a projeção é de 47 milhões de toneladas e para o trigo 18,6 milhões no vizinho país.

E no Brasil, os preços médios continuam bastante estáveis, pois o câmbio, com um Real que voltou a ficar na casa dos R\$ 5,43 por dólar em parte da semana ajudou a segurar as mesmas, apesar de um prêmio acima de um dólar por bushel em boa parte dos portos nacionais para esta época. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 122,52/saco, enquanto as principais praças locais se mantiveram em R\$ 122,00. Já nas demais regiões do país os preços oscilaram entre R\$ 119,00 e R\$ 134,00/saco.

Dito isso, a futura safra brasileira de soja poderá alcançar 171,8 milhões de toneladas segundo a consultoria Safras & Mercado. Isto se daria sobre uma área de 47,4 milhões de hectares semeados. Em se confirmando o volume, a nova safra aumentaria 12,8% sobre a parcialmente frustrada safra anterior.

Neste sentido, o plantio da nova safra de soja chegou a 0,5% nesta semana, com início lento diante da falta de chuvas e as queimadas em grande parte do Brasil. No ano passado, nesta época, o plantio atingia a 1,6% da área e a média histórica é de 1,5%. No Mato Grosso, principal produtor nacional da oleaginosa, até o final da semana anterior o plantio atingia a 0,27% da área esperada. A produção final do Estado está projetada em 44 milhões de toneladas em 2024/25.

Já no Paraná, o plantio atingia a 10% da área projetada no início da presente semana, contra 16% na mesma época do ano passado. A área total a ser semeada com soja chegaria a 5,8 milhões de hectares.

Enquanto isso, a indústria moageira de soja, no Brasil, espera aumentar o esmagamento em 8% neste ano, segundo a Abiove. O aumento no processamento da oleaginosa se dá, além de novos investimentos, ao fato de que o Brasil deva aumentar a mistura de biodiesel ao diesel fóssil no próximo ano. Lembrando que 75% do biodiesel vem do óleo de soja. A capacidade total de esmagamento no Brasil, nos próximos 12 meses, poderá aumentar para 78,5 milhões de toneladas. Isso, em um momento em que o setor já tem uma ociosidade de quase 25%. No total, são 132 indústrias existentes no país, sendo 113 em atividade neste momento no Brasil. O Centro-Oeste é a região com maior processamento de soja, chegando a 44% do total nacional.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, se mantiveram acima dos US\$ 4,00/bushel nesta semana, com viés de alta, na medida em que o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (26) em US\$ 4,13/bushel, contra US\$ 4,05 uma semana antes.

A colheita do cereal, nos EUA, atingiu a 14% da área no dia 22/09, contra 11% na média histórica. O Texas, com 85% da área já colhida, é o estado mais avançado. Por sua vez, 65% das lavouras a colher permaneciam com boas a excelentes condições, contra 53% um ano antes.

E no Brasil, os preços melhoraram um pouco, mantendo o viés de alta lento mas persistente, com a média gaúcha atingindo a R\$ 59,90/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam com R\$ 58,00. Nas demais regiões brasileiras os preços oscilaram entre R\$ 42,00 e R\$ 62,00/saco.

Dito isso, a Secex informou que nos primeiros 15 dias úteis de setembro o país exportou 4,7 milhões de toneladas de milho, ou seja, muito aquém do ritmo de setembro de 2023. A média diária de volume exportado apresentou recuo de 28,4% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Neste ritmo certos analistas do mercado de milho avançam que nossas exportações totais do cereal, em 2024, devam atingir apenas 36 milhões de toneladas, contra 55 milhões no ano anterior. (cf. Grão Direto)

Em paralelo, a Conab informa que o plantio da nova safra de verão do cereal teria atingido a 16,2% da área nacional em 22/09. Os estados mais adiantados eram o Rio Grande do Sul (51%), Paraná (46%) e Santa Catarina (22%). Do total já semeado, 41,8% estavam em fase de emergência e os 58,2% restantes em desenvolvimento vegetativo.

Todavia, no Paraná, segundo o Deral, o plantio de verão atingia a 60% da área esperada com milho no início da presente semana, contra 71% na mesmo período do ano passado.

Já no Mato Grosso, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), na semana entre o 16 e o 20 de setembro, o preço médio do milho no estado ficou em R\$ 41,52/saco, ganhando 7,1% sobre um mês antes. Já em comparação há um ano antes, o ganho é de 16%, pois em setembro/23 o saco de milho era cotado a R\$ 35,78.

E no Mato Grosso do Sul, segundo a Aprosoja local, a safrinha de milho recém colhida teria registrado uma produtividade média de 67 sacos/hectare, com uma produção final de 8,46 milhões de toneladas, sobre 2,1 milhões de hectares. Em relação ao esperado, a safra registrou um recuo de 19,2% neste ano. Com isso, a produtividade média do corrente ano foi a terceira pior nos últimos 10 anos naquele Estado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, também subiram, se aproximando novamente dos US\$ 6,00/bushel, após mais de três meses. O fechamento do dia 25/09 bateu em US\$

5,89/bushel. Um dia depois (26/09) o mesmo ficou, para o primeiro mês cotado, em US\$ 5,84, contra US\$ 5,65/bushel uma semana antes.

Nos EUA, o trigo de inverno, safra 2024/25, estava semeado em 25% da área na data de 22/09. No ano anterior, na mesma data, o percentual era de 24%. Deste total plantado, 4% já havia germinado na data, contra 5% na média histórica. Já a colheita do trigo de primavera, safra 2023/24, atingia a 96% da área, contra 95% na média histórica.

Enquanto isso, na China, o governo local estabeleceu comprar no máximo 37 milhões de toneladas anuais do cereal, ao preço mínimo, em 2025 e 2026. A China compra trigo dos agricultores pelo preço mínimo quando o preço de mercado cai abaixo desse nível, a fim de apoiar a produção de alimentos. O preço mínimo foi estabelecido ao equivalente a US\$ 16,92/saco de 50 quilos. Ao câmbio de hoje (R\$ 5,43) isso equivale a R\$ 110,25/saco de 60 quilos.

E no Brasil, os preços permaneceram estáveis, com o Rio Grande do Sul registrando R\$ 68,00/saco para o produto superior, nas principais praças locais, enquanto a média estadual atingia a R\$ 69,27/saco. Já no Paraná, as principais praças continuaram praticando valores entre R\$ 79,00 e R\$ 80,00/saco.

Na medida em que a colheita paranaense avança, o mercado nacional continua lento. No Rio Grande do Sul, houve indicações de negócios do trigo da safra velha a R\$ 1.250,00/tonelada na região das Missões (R\$ 75,00/saco). Para a safra nova, moinhos paranaenses estão pagando R\$ 1.100,00/tonelada no FOB gaúcho (R\$ 66,00/saco). No Paraná, a safra nova está sendo indicada a R\$ 1.350,00/tonelada no CIF para moinhos (R\$ 81,00/saco), com embarques em outubro, e a R\$ 1.300,00 (R\$ 78,00/saco) para novembro. Lembrando que a quebra na safra do Paraná vem se consolidando como importante. Agora é esperar os volumes que virão do Rio Grande do Sul e da Argentina. No primeiro caso, os novos e fortes temporais desta semana, acompanhados de granizo em muitas regiões, deve ter causado prejuízos em muitas regiões gaúchas.

Em termos de colheita da atual safra 2024, segundo a Conab, a mesma atingiu a 17,8% da área estimada nos oito principais estados produtores do Brasil (Goiás, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Mato Grosso do Sul) até o dia 15/09. No Paraná, segundo o Deral, a colheita chegava a 48% da área nesta corrente semana, sendo que 25% do que restava a colher se apresentava em condições ruins. No Rio Grande do Sul, segundo a Emater, a colheita ainda está distante, sendo que no dia 19/09 apenas 1% das lavouras estava em fase de maturação, outras 28% na fase de enchimento de grãos, 40% em floração e 31% em desenvolvimento vegetativo/germinação.

E na Argentina, segundo a Bolsa de Buenos Aires, 35% das lavouras estavam em boas condições, 36% em situação média e 29% ruins. Sendo que 51% das lavouras estavam com déficit hídrico no início da presente semana, contra 34% nesta mesma época do ano passado. A área total estimada com trigo no vizinho país é de 6,3 milhões de hectares.

De forma geral, o cenário brasileiro no mercado de trigo é de muita cautela, cercada de expectativas em torno do que será a nova safra que está sendo colhida. As preocupações de perdas, em volume e qualidade, devido ao clima, mais uma vez já vão se confirmando.